



SEPSE NÃO ESPERA: O PAPEL DA CAPACITAÇÃO DA ENFERMAGEM NA RESPOSTA RÁPIDA EM UNIDADES DE SAÚDE

ANA CLARA DE OLIVEIRA INOCÊNCIO GONZAGA

RESUMO

A sepse é uma condição clínica grave caracterizada por disfunção orgânica decorrente de uma resposta inflamatória desregulada frente a uma infecção, sendo reconhecida como uma das principais causas de mortalidade hospitalar e de ocupação de leitos em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) no Brasil e no mundo. A rápida identificação e o manejo adequado da sepse são fundamentais para reduzir complicações graves, incluindo choque séptico, falência múltipla de órgãos e prolongamento do tempo de internação, impactando diretamente na sobrecarga do sistema de saúde. O presente estudo teve como objetivo analisar a importância da capacitação da equipe de enfermagem no uso do protocolo de sepse em unidades de emergência, enfatizando o papel central do enfermeiro no reconhecimento precoce dos sinais clínicos, na condução das medidas terapêuticas e na monitorização contínua do paciente. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica em bases de dados científicas, incluindo SciELO, BVS e PubMed, bem como em documentos oficiais do Ministério da Saúde e protocolos institucionais de manejo da sepse. Os resultados indicam que grande parte dos enfermeiros apresenta conhecimento insuficiente sobre a sepse e seu manejo adequado, sendo que fatores como tempo de experiência profissional, idade, especialização e local de atuação influenciam significativamente esse nível de conhecimento. Evidencia-se, portanto, a necessidade de implementação de programas de educação continuada, treinamento prático e teórico, protocolos institucionais claros e incentivo ao engajamento profissional, com foco na melhoria do desempenho clínico e na adesão a práticas baseadas em evidências. Os protocolos de sepse incluem etapas fundamentais, como o reconhecimento precoce por meio de escores de disfunção orgânica (SOFA), ressuscitação inicial com reposição volêmica, coleta de culturas, administração precoce de antibióticos, monitoramento contínuo de sinais vitais e perfusão tecidual, além do tratamento direcionado do foco infeccioso. A participação ativa da enfermagem é essencial, considerando que esses profissionais permanecem por mais tempo à beira leito, permitindo intervenções imediatas, vigilância contínua e ajustes rápidos nas condutas clínicas. Conclui-se que a capacitação contínua, prática e multiprofissional da equipe de enfermagem é determinante para a eficácia do protocolo de sepse, contribuindo para a rapidez no atendimento, segurança do paciente e melhores desfechos clínicos. Além disso, a formação adequada promove a redução da mortalidade hospitalar e o aprimoramento da qualidade do cuidado em unidades de emergência, evidenciando o papel estratégico da enfermagem na assistência ao paciente crítico.

Palavras-chave: Sepse; protocolo de atendimento; enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A sepse é uma síndrome clínica grave, definida atualmente pelo Sepsis-3 como uma disfunção orgânica com risco de vida, decorrente de uma resposta desregulada do hospedeiro frente a uma infecção. Essa condição, reconhecida como um dos maiores desafios da saúde contemporânea, apresenta alta morbimortalidade e elevado impacto socioeconômico,

configurando-se como um problema de saúde pública global. Estima-se que, anualmente, mais de 49 milhões de pessoas sejam acometidas por sepse no mundo, resultando em aproximadamente 11 milhões de óbitos, o que representa quase 20% das mortes globais (Reanim, 2017).

No Brasil, a situação é particularmente preocupante. Dados recentes revelam que, em 2024, a mortalidade hospitalar por sepse atingiu cerca de 55%, colocando a síndrome como uma das principais causas de óbito em unidades de terapia intensiva (UTI), superando inclusive condições críticas como infarto agudo do miocárdio e câncer em estágio avançado. Os casos que evoluem para choque séptico frequentemente cursam com falência de múltiplos órgãos, respondendo por aproximadamente 30% da ocupação de leitos em UTIs, além de gerar custos hospitalares expressivos e prolongar o tempo de internação.

Além da gravidade clínica, a sepse desafia os sistemas de saúde pela necessidade de reconhecimento rápido e tratamento imediato. Evidências demonstram que cada hora de atraso na administração de antibioticoterapia adequada aumenta significativamente a mortalidade, o que reforça a importância da detecção precoce. Nesse sentido, grupos vulneráveis, como idosos, pacientes imunossuprimidos e portadores de doenças crônicas, apresentam maior risco de desfechos desfavoráveis.

Diante desse cenário, a implementação dos protocolos de sepse, como os preconizados pela Surviving Sepsis Campaign, tem mostrado impacto positivo na redução da mortalidade e na melhoria dos desfechos clínicos. No entanto, a eficácia desses protocolos depende diretamente da adesão da equipe de saúde e da capacitação contínua dos profissionais. Nesse processo, destaca-se o papel central da equipe de enfermagem, responsável pelo monitoramento contínuo do paciente, pela identificação precoce de sinais clínicos sugestivos e pela execução ágil das condutas iniciais.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar a importância da capacitação da equipe de enfermagem no uso do protocolo de sepse em unidades de saúde, enfatizando sua influência sobre o diagnóstico precoce, a adesão às condutas estabelecidas e a melhoria da qualidade assistencial e dos desfechos clínicos (Rudd et al., 2020).

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura, de caráter qualitativo e descritivo, realizada a partir da busca de artigos e documentos disponíveis em bases científicas e plataformas institucionais. As fontes consultadas incluíram as bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e PubMed, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde, disponíveis no portal gov.br. Foram incluídos artigos publicados em português e inglês, que abordavam a atuação da equipe de enfermagem e o uso do protocolo de sepse em unidades de saúde.

Os critérios de exclusão compreenderam trabalhos que não tratavam diretamente do tema proposto, artigos duplicados e publicações sem acesso ao texto completo. Após a triagem, foram selecionados [4] artigos e documentos oficiais que compuseram o corpus desta revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados evidenciam que parte significativa dos profissionais de enfermagem não possui conhecimento suficiente para identificar precocemente e conduzir o manejo adequado da sepse, apontando para a necessidade de treinamento contínuo. Observou-se que apenas uma

pequena porcentagem dos enfermeiros relatou ter recebido capacitação específica sobre sepse, o que demonstra a falta de disseminação abrangente desse conhecimento na prática clínica.

Entre os fatores associados ao nível de conhecimento, destacam-se a idade e o tempo de experiência profissional. Enfermeiros mais velhos e com maior tempo de atuação apresentaram maior domínio sobre o tema e condutas relacionadas ao manejo clínico da sepse. Além disso, o local de trabalho mostrou influência, sendo que profissionais de unidades clínicas revelaram maior conhecimento sobre disfunções orgânicas decorrentes da síndrome.

Diante desse cenário, recomenda-se a implementação de programas de educação permanente, com foco na sepse e em protocolos de reconhecimento e tratamento rápido. Outra medida relevante é a implantação de protocolos institucionais, com a padronização de fluxos assistenciais que favoreçam a detecção precoce e a conduta adequada. Além disso, faz-se necessária a oferta de incentivos institucionais e políticos, de modo a assegurar apoio contínuo à capacitação profissional e à adoção de práticas baseadas em evidências (Frota, 2019).

Nesse contexto, os protocolos de sepse representam ferramenta fundamental para reduzir a mortalidade associada à síndrome. Esses protocolos seguem etapas bem definidas, como reconhecimento e identificação por meio do score SOFA, ressuscitação inicial dentro da primeira hora incluindo coleta de culturas, dosagem de lactato sérico, antibioticoterapia precoce e reposição volêmica adequada, avaliação e tratamento do foco infeccioso, com ajustes terapêuticos conforme resultados das culturas, e monitoramento contínuo de sinais vitais, perfusão tecidual e suporte hemodinâmico. Medidas adicionais, como controle glicêmico, suporte nutricional e uso de escalas de rastreamento clínico, também fazem parte das estratégias de manejo.

Além das barreiras relacionadas ao conhecimento, também foram identificadas dificuldades estruturais e organizacionais que comprometem a efetividade dos protocolos. Entre elas, destacam-se a carência de recursos humanos, a sobrecarga de trabalho da equipe de enfermagem, a falta de insumos básicos para monitoramento contínuo do paciente e a demora no acesso a exames laboratoriais, como o lactato sérico. Esses fatores reforçam que a adesão ao protocolo de sepse não depende apenas da capacitação individual, mas também de condições adequadas de trabalho e de suporte institucional.

Outro aspecto relevante é a necessidade de atuação multiprofissional integrada. Estudos demonstram que a mortalidade por sepse reduz de forma significativa quando médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, farmacêuticos e demais profissionais de saúde atuam em conjunto, seguindo fluxos padronizados. Nesse contexto, a educação permanente deve contemplar não apenas a enfermagem, mas toda a equipe envolvida no cuidado do paciente crítico, promovendo uma abordagem colaborativa e baseada em evidências.

A literatura internacional, especialmente as recomendações da Surviving Sepsis Campaign, destaca que a adoção do “pacote de uma hora” (hour-1 bundle) está diretamente associada à melhora dos desfechos clínicos. No entanto, evidências apontam que a adesão plena a esse pacote ainda é baixa em muitos países, incluindo o Brasil, o que indica a necessidade de estratégias adicionais de sensibilização, monitoramento de indicadores assistenciais e políticas institucionais voltadas ao fortalecimento da qualidade do cuidado.

Assim, a capacitação contínua, associada à implementação de protocolos institucionais e ao fortalecimento das condições estruturais de trabalho, configura-se como elemento essencial para reduzir a mortalidade associada à sepse, melhorar a qualidade assistencial e promover maior segurança ao paciente (Ministério da Saúde, 2017; Silva, 2006).

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a sepse configura-se como um dos maiores desafios clínicos da atualidade, demandando a adoção de protocolos claros e a implementação de programas de educação permanente direcionados à equipe de enfermagem, com o objetivo de reduzir a mortalidade e assegurar a segurança assistencial. Considerando que o enfermeiro é o profissional que permanece por mais tempo à beira do leito, torna-se fundamental que esteja capacitado para identificar precocemente os sinais de sepse e conduzir o manejo adequado da síndrome. Seu envolvimento direto na aplicação do protocolo contribui para uma atuação mais assertiva, com monitoramento contínuo do paciente e consequente melhora dos desfechos clínicos.

A capacitação deve abranger conteúdos relacionados ao reconhecimento precoce da sepse, manejo das disfunções orgânicas, cuidados ao paciente crítico e utilização correta do protocolo, incluindo treinamentos teóricos e práticos adaptados à realidade das unidades de emergência. Ressalta-se, entretanto, a limitação decorrente da escassez de estudos nacionais que investiguem o conhecimento da enfermagem sobre sepse, evidenciando a necessidade de novas pesquisas que proponham estratégias de formação inovadoras e efetivas.

Em síntese, a capacitação contínua, prática e multiprofissional da equipe de enfermagem mostra-se indispensável para garantir rapidez, eficácia e qualidade no atendimento ao paciente séptico, reforçando o papel central do enfermeiro na melhoria dos resultados clínicos (FROTA, 2019).

REFERÊNCIAS

EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. Dia Mundial da Sepse: Brasil tem alta taxa de mortalidade por sepse entre os países em desenvolvimento. Disponível em: <https://share.google/fHrgJJD38EmWv8HuN>.

FROTA, Olice Pereira. Protocolo de Atendimento à Sepse. Disponível em: <https://share.google/pLpZplFG9yic0cmFz>.

GOULART et al. Os enfermeiros estão atualizados para o manejo adequado do paciente com sepse? Esc Anna Nery. 2019;23(4):e20190013. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2019-0013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a>

GÜL, Fethi et al. Changing definitions of sepsis. Turkish Journal of Anaesthesiology and Reanimation, v. 45, n. 3, p. 129-138, 2017. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5512390/>.

RUDD, Kristina E. Epidemiologia da sepse em unidades de terapia intensiva brasileiras (Sepsis PREvalence Assessment Database, SPREAD): um estudo observacional. The Lancet Infectious Diseases. Disponível em: <https://share.google/MCuNu9WdZ4AnoJ3np>. Acesso

SILVA, Eliézer et al. Surviving Sepsis Campaign: um esforço mundial para mudar a trajetória da sepse grave. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 18, n. 4, p. 325-332, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/tJxnRbGywp9Cg8FmMLwsB9M/>